



LUÍS COSTAⁱ

ARQUEOLOGIA DOS ABISMOS

Prefácio

O poema constrói a sua própria realidade.

1

[...]

Crianças adormecem dentro de si mesmas.

Sentadas.

À sua volta, os animais.

Refinarias ardendo no medo.

As bocas.

Uma lua enrolada às armações do silêncio.

Um delírio esburacado.

Os pulsos, abertos. Dentro, o trevo.

E mulheres enlouquecidas aprumam estacas
na memória das aves.

2

[...]

A noite arfa nas torneiras do silêncio:

Um relâmpago de pedra e cal.

O negro centro da luz.

A veia trovejante do exílio interior.

E o homem chega,

agarra o pássaro de gelo, ainda sombra,

o seu voo profundo

dentro do corpo da mulher.

3

[...]

Mergulham a cabeça na incisão dos espelhos.

Do outro lado, as máscaras rodam.

Ao centro o varal estático dos cereais.

Nos gestos a geometria

arde.

4

[...]

Projectar a noite contra a ciência

dos espelhos

e da obscuridade

nos sopros das pedreiras

ouvir as fístulas do ouro

5

[...]

Pedestais enferrujados. Sem estátuas.

Nos beirais grandes pássaros decapitados volteiam-se
na noite dos líquidos.

As arcadas ardem. Os cães ladram. Giram.

Explodem nas trelas.

Um anjo cego dobra-se com um labirinto na boca.

Mascarado, o homem sonha.

É um sonho naufragado nos espelhos da vertigem,
de um castanho blasfémico,

onde ao centro uma coroa de artérias mutiladas
roda.

6

[...]

Para Heiner Müller

És tu que sopras o sol com erupções de dedos negros
que trazes nas vísceras a podridão do silêncio de Deus
o movimento amordaçado na pedra

e bebes a menstruação dos arados
e de asas quebradas segues
de terra em terra

7

[...]

Os anjos morreram.

O sangue corre, espesso, pela geometria da sombra.

A neve incendeia-se na boca dos animais.

A neve.

O cântico.

Um jarro de vazio.

O ribombar das oficinas.

As mãos metálicas.

O nó das mãos.

Porém no fundamento dos pés
o ponteiro das aves
afirma - se
e a filha traz um cântaro iluminado na boca.

É a glória de seus pais
quando a luz da água sonha
borbulhante.

8

[...]

A cidade dorme sob a calúnia
de seus mil sóis
os porões afundam-se
na sujidade da noite
no peito martela o resfolgar de duros metais
na alma cintila o relâmpago da foice

aguçados fórfiles lavram agora
os côncavos vazios de teus olhos
ali mesmo onde outrora deu à luz
a tremenda explosão
dos gárrulos

9

[...]

A primavera possessa

a austera grinalda das sombras

as crinas dos potros

cortadas

gárgulas

serafins exangues

tornos

o estremeção de Deus

desflorando as entranhas

10

[...]

Presas aos estames dos abismos

as aves bebem

da corrupção

a luz

ⁱ **Luís Costa** nasceu a 17 de Abril de 1964, Carregal do Sal, Portugal. Ainda não se encontra publicado em livro . Tem colaborado em várias revistas digitais como a Zunái, a Agulha, REVISTA TRIPLOV de Artes, Religiões e Ciências, etc. Colaborou também na primeira revista-objecto surrealista portuguesa "Debout Sur L'oeuf". Para ele a poesia é um modo de estar presente, uma ontologia. (L.C.)